

MESTRE E DISCENTES NA CONSTRUÇÃO DE BIONARRATIVAS SOCIAIS - "NAIÁ E O ESPELHO: UMA HISTÓRIA DE AUTOCONHECIMENTO"

Patrícia de Oliveira Branquinho Silva

Graduada em Ciências Sociais e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)
pattybranquinho@gmail.com

Aline Mantovani Petri

Graduada em História e Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)
alinepetri48@gmail.com

Beatriz Gaydeczka

Professora Associada da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e do Programa de Mestrado Profissional em Inovações e Tecnologias (PMPIT) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE).
beatriz.gaydeczka@uftm.edu.br

RESUMO: Este artigo apresenta a experiência formativa vivenciada na disciplina *Interculturalidade e Educação Popular: Saberes Afro-Ameríndios Decoloniais*, ofertada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, cujo resultado final consistiu na construção de uma Bionarrativa Social (biona). O estudo teve como foco a narrativa intitulada “*Naiá e o espelho: uma história de autoconhecimento*”, desenvolvida a partir de encontros com mestres culturais, especialmente com o Cacique Japoteru Pataxó, que contribuíram com saberes tradicionais, artísticos e espirituais. A metodologia fundamentou-se em práticas dialógicas, rodas de conversa, dinâmicas corporais e produções textuais, inspiradas em pedagogias freirianas e interculturais, que valorizaram a memória biocultural e a ancestralidade. Os resultados indicam que a escrita da bionarrativa possibilitou às discentes revisitar identidades pessoais e coletivas, ressignificando memórias familiares e culturais por meio da escuta sensível e do diálogo intercultural. A personagem ficcional Naiá, construída em diálogo com o mestre Japoteru Pataxó, simboliza a trajetória de reconhecimento identitário,

ressaltando a potência da oralidade, da ancestralidade e da pedagogia das encruzilhadas. Conclui-se que a experiência promoveu a decolonização dos olhares acadêmicos, fortalecendo a articulação entre saberes populares e universitários e evidenciando a relevância da biona como prática pedagógica capaz de integrar narrativas pessoais, coletivas e ancestrais no processo formativo de educadores.

Palavras-chave: Bionarrativas. Interculturalidade. Decolonialidade. Educação.

MESTRE AND STUDENTS IN THE CONSTRUCTION OF SOCIAL BIONARRATIVES - “NAIÁ AND THE MIRROR: A STORY OF SELF-DISCOVERY”

ABSTRACT: This article presents the formative experience carried out in the discipline *Interculturality and Popular Education: Afro-Amerindian Decolonial Knowledge*, offered in the Graduate Program in Education at the Federal University of Triângulo Mineiro, whose final outcome consisted of the construction of a Social Bionarrative (biona). The study focused on the narrative entitled *“Naiá and the Mirror: A Story of Self-Knowledge”*, developed through encounters with cultural masters, especially Chief Japoteru Pataxó, who contributed with traditional, artistic, and spiritual knowledge. The methodology was based on dialogical practices, discussion circles, body dynamics, and textual productions, inspired by Freirean and intercultural pedagogies which valued biocultural memory and ancestry. The results indicate that writing the bionarrative enabled the students to revisit personal and collective identities, resignifying family and cultural memories through sensitive listening and intercultural dialogue. The fictional character Naiá, composed in dialogue with Chief Japoteru Pataxó, symbolizes the trajectory of identity recognition, highlighting the strength of orality, ancestry, and the pedagogy of crossroads. It is concluded that the experience promoted the decolonization of academic perspectives, strengthening the articulation between popular and academic knowledge and highlighting the relevance of the biona as a pedagogical practice capable of integrating personal, collective, and ancestral narratives into the formative process of educators.

Keywords: Bionarratives. Interculturality. Decoloniality. Education.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo trata da descrição do processo de construção de uma Bionarrativa Social (biona) desenvolvida no contexto de uma disciplina no âmbito da pós-graduação, a qual promoveu um contexto de encontros e reencontros, envolvendo idas e vindas ao repertório sociocultural internalizado pelo discente ao longo de sua trajetória, reinterpretando esse repertório mediante o contato com os conhecimentos e saberes de mestres de saberes tradicionais e culturais, compreendidos no Brasil como patrimônios vivos da cultura, definidos como:

Pessoas que se reconhecem e são reconhecidas pelo seu grupo ou comunidade como representantes e herdeiros dos saberes e fazeres da cultura tradicional de transmissão oral e que, através da oralidade, da corporeidade e da vivência, dialoga, aprende, ensina e torna-se a memória viva e afetiva dessa cultura, transmitindo os saberes de geração em geração, garantindo a ancestralidade e a identidade do seu povo (Souza, 2017, p. 13).

Segundo Kato (2020, p.19), “[...] as bionas abarcam produções que evidenciam aspectos relativos aos conflitos pessoais, bem como silenciamentos sociais e a oportunidade de se expressar para o outro”. Dessa forma, compreende-se que uma característica marcante da biona é a alteridade, potência que incentiva estudantes de diferentes regiões e origens a refletirem sobre território, linguagem e biodiversidade, motivando-os não apenas a contar suas histórias, mas também a construir uma narrativa baseada no encontro intercultural.

Nessa perspectiva, Silva (2021) afirma que as bionas, integradas à escrita de textos narrativos, representam uma conexão entre saberes acadêmicos e conhecimentos tradicionais, promovendo diálogos que valorizam a biodiversidade local e a singularidade. Segundo o autor, os modelos de formação de professores podem ser enriquecidos ao incorporar a escrita de textos narrativos como prática pedagógica. Dessa forma, podemos dizer que a construção de uma biona é um movimento dialético que possibilita a formação de pesquisadoras(es) professoras(es) em um determinado contexto, pois trata de um “eu” ou “nós” que mobiliza(m) a sua voz a um “outrem”.

Os mestres culturais desempenham um papel essencial na construção de uma biona, trazendo consigo um vasto conhecimento cultural, que abrange aspectos tradicionais, artísticos e saberes ligados aos costumes de suas comunidades. Para Toledo e Barrera-Bassols (2015), os conhecimentos tradicionais ganham orientação e significado tanto por meio das práticas que compõem os processos de produção e reprodução material da cultura, quanto pelos sistemas de crenças que possibilitam sua produção e reprodução simbólica. Assim, integram uma vasta gama de sabedorias que se expandem socialmente ao longo de pessoas, de espaços e de tempos. Ou seja, na narrativa o “eu”, o “aqui” e o “agora” são marcas de uma enunciação (ato de falar e escrever) que materializam sujeitos (pessoa), locais (espaço) e tempos, permitindo que as experiências humanas sejam concretizadas por meio da linguagem.

Nesse sentido, os diálogos com os mestres culturais produzidos no âmbito acadêmico, durante a construção de uma biona, provocaram reflexões que remetem o estudante a uma análise crítica de seus conhecimentos históricos e sociais, tendo em vista que são

conhecimentos advindos de uma história muitas vezes silenciada e contada sob a ótica do poder dominante, representada pelo colonizador. A ciência ocidental, muitas vezes associada à dominação e à subordinação, tende a ser vista e ensinada como o padrão universal de conhecimento (Toledo; Barrera-Bassols, 2015).

Diante dos expostos, considerando a bionarrativa "Naiá e o Espelho: uma história de autoconhecimento", propomos debater em que medida as relações com o mestre de cultura contribuem para o entendimento e a construção de uma Bionarrativa Social no contexto da formação de pesquisadoras(es) professoras(es) decoloniais.

O texto foi organizado em quatro seções: "Discente em movimento: educação e identidade no contexto cultural", cujo intuito é apresentar o contexto da disciplina e processo de produção das bionas; "Mestres em movimento: práticas educativas no contexto cultural", em que discutimos sobre os encontros com os mestres e processo de produção das bionas; "A bionarrativa no contexto disciplina de interculturalidade - 'Naiá e o espelho: uma história de autoconhecimento'", espaço dedicado à análise e discussão do processo proposto para a constituição dessa biona; e, por fim, as Considerações Finais.

2 DISCENTE EM MOVIMENTO: EDUCAÇÃO E IDENTIDADE NO CONTEXTO CULTURAL

Este subtítulo relata uma experiência pedagógica vivenciada na disciplina *Interculturalidade e Educação Popular: Saberes Afro-Ameríndios Decoloniais*, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGE-UFTM), ministrada pelos professores Dr. Danilo Seithi Kato e Dr. Rosemberg Aparecido Lopes Ferracini, durante o segundo semestre de 2024. Essa experiência destacou a relação entre educação e identidade cultural sob a perspectiva do aluno de pós-graduação.

Desde o início da disciplina, os professores estimularam os estudantes a entrarem, como disse o professor Danilo, em uma "ginga", um movimento da capoeira comparado a uma dança, em sintonia com os objetivos da disciplina *Estudos e discussões sobre os processos educativos desencadeados a partir de territórios e identidades culturais*.

Os encontros ocorriam na unidade Centro Educacional (CE) da universidade e, em alguns momentos, foram realizadas atividades externas ao espaço institucional, as quais aconteceram nos espaços dos mestres de cultura, a saber: no terreiro da Ya Bia de Osumare

(Ááfin Osumare), no Centro Cultural Angola Tradição do Mestre Aranha e no Terno de Congada do Penacho do General Piu, todos em Uberaba, Minas Gerais.

Durante todo o processo de ensino-aprendizagem, os discentes foram instigados a participar de dinâmicas intensas - marcadas pelo envolvimento corporal, emocional e simbólico - no sentido de entrega e de ancestralidade, bem como de atividades voltadas para a reflexão crítica. Além disso, foi proposta a produção da bionarrativa, que deveria ocorrer de maneira concomitante às experiências vivenciadas.

Após a apresentação da disciplina pelos professores, inspirada por uma pedagogia freiriana¹, os discentes participaram de uma dinâmica iniciada com a formação de uma roda, seguida por um momento musical de caráter reflexivo e emocional, um batuque de corpo em movimento, pés e mãos batendo com força e cadência como se chamassem para dançar. O som pulsando em compasso com a roda se espalhando em ondas contagiando a todos os participantes. Na sequência, realizaram um exercício artístico com desenhos, do qual emergiram palavras que conectaram simbolicamente os participantes.

Os grupos formados sintetizaram o encontro em uma palavra geradora. Como enfatizado por Brandão (2017), o “círculo de cultura” rompe com modelos de ensino hierárquicos tradicionais e incentiva práticas pedagógicas dialógicas. Essa abordagem foi central para as metodologias aplicadas na disciplina.

As palavras geradoras nortearam os grupos na produção de textos que simbolizavam o encontro e, assim, foram plantadas as sementes das bionas. Os produtos criados foram anexados a uma plataforma digital, configurando-se como Recurso Educacional Aberto (REA), PPGE / Intercult- Ateliê de narrativas (auto) biográficas². A dinâmica das aulas seguia conforme o planejamento, combinando atividades culturais, como rodas de conversa e exibição de filmes, além da leitura dos textos teóricos. Experiências que não apenas ensinaram conteúdos, mas promoveu uma formação mais crítica e sensível, permitindo que os alunos relacionassem os temas abordados com as suas próprias histórias e percepções.

Em diversos momentos da disciplina, os estudantes foram instigados a repensar seus posicionamentos em relação à sociedade e à própria identidade cultural. Esse processo se

¹ Método que busca não apenas ensinar a leitura e a escrita, mas também promover a reflexão crítica e emancipadora (Freire, 2005).

² PPGE / Intercult- Ateliê de narrativas (auto) biográficas <https://padlet.com/katods/ppge-intercult-ateli-de-narrativas-auto-biogr-ficas-gotykc18avzp00>

tornou ainda mais evidente durante a interação entre os grupos, quando seus posicionamentos começaram a se integrar a uma reflexão crítica coletiva.

De acordo com Hall (1997), em uma perspectiva cultural, a identidade se constitui em algo construído ao longo do tempo, por meio de processos inconscientes, e não numa característica inata presente na consciência desde o nascimento. Sempre há um aspecto imaginário ou idealizado em sua composição, tornando-a uma noção que nunca está plenamente definida. Para o autor, “ela permanece sempre incompleta”, inacabada, está constantemente “em processo” para que possa ser formada (Hall, 1997, p. 42).

Segundo Woodward (2014), a questão das identidades tem ganhado destaque nas discussões contemporâneas, especialmente diante das reconfigurações globais das identidades nacionais e étnicas. Para a autora, a ascensão de novos movimentos sociais reflete uma preocupação crescente com a reafirmação das identidades pessoais e culturais.

Podemos dizer que as discussões em torno da identidade cultural, entre os membros dos grupos, serviram de embasamento para a produção das bionarrativas, já que, em decorrência desse processo, grande parte dos participantes pôde revisitar sua base cultural.

Do mesmo modo, durante os encontros com os mestres de cultura, os estudantes revisitaram suas próprias bases culturais, a partir das experiências de vida e das tradições originárias desses mestres. Ao longo das aulas, as tradições familiares e culturais vieram à tona, manifestando-se e interagindo com os saberes compartilhados no processo formativo, um processo que vai muito além da simples assimilação de conceitos e teorias, ainda que esses também estejam presentes.

Neste processo, os estudantes - incluindo as autoras - puderam refletir sobre como adquiriram seus conhecimentos por meio da escolarização, tradições, viagens, livros, filmes, músicas, manifestações artísticas, redes sociais, gastronomia, festivais e interações com pessoas de diferentes origens.

Desta vivência intercultural, marcada pela escuta sensível, pelo encontro com saberes diversos e pela valorização das memórias pessoais e coletivas, resultou a ampliação das percepções sobre identidade e cultura, que culminou em produções artísticas, imagéticas e escritas. Desta maneira, a disciplina foi formalmente encerrada com a narrativa do encontro, materializada em diversas formas.

No entanto, simbolicamente, ela não se encerrou, uma vez que nosso olhar, enquanto sujeitos sociais e históricos, torna-se mais crítico e ampliado para o reconhecimento de nós mesmos e do outro. Retomando o conceito de identidade de Hall (1997), podemos dizer que, ao

longo da disciplina, os discentes seguiram construindo sua identidade cultural, que é incompleta e segue sendo formada.

3 MESTRE EM MOVIMENTO: PRÁTICAS EDUCATIVAS NO CONTEXTO CULTURAL

Este subtítulo descreve a experiência pedagógica vivenciada na disciplina de *Interculturalidade e Educação Popular: Saberes Afro-Ameríndios Decoloniais*, por meio de encontros com mestres culturais, nos quais foram exploradas práticas educativas dentro de seus respectivos contextos.

O primeiro encontro reuniu três mestres: Ya Bia de Osumare, do Candomblé; Aranha, da Capoeira; e General Piu, do Congado. Ocorreu em um terreiro de Candomblé na cidade de Uberaba, mais especificamente no espaço de Ya Bia de Osumare, localizado no Bairro Militar. O terreiro fica nos fundos da casa de Mãe Bia, um ambiente amplo em formato de varanda, com teto alto, rodeado por plantas e algumas salas ao fundo. Ele se conecta à residência familiar, cuja entrada principal dá acesso à cozinha, onde há uma grande mesa de jantar utilizada para as refeições coletivas. Após o café da manhã compartilhado, fomos convidados a nos reunir na Biblioteca do Saber “Prof.^a Maria Helena Gabriel”. Sentamo-nos em círculo, com os três mestres ao centro.



Figura 1: (a) Biblioteca da Casa de Candomblé Ààfin Osumare ; (b) Mestre Ya Bia de Osumare, Mestre Aranha e Mestre General Piu, setembro de 2024, Casa de Candomblé Ààfin Osumare
Fonte: Acervo pessoal de Branquinho, 2025

Mãe Bia iniciou sua fala contando sua história, simultaneamente discorrendo sobre sua religião, uma mulher negra de saberes profundos, estudada, domina os códigos da academia sem abandonar os cantos da tradição, como se vê na fotografia. Mestre Aranha abordou sua trajetória e a cultura da Capoeira, explicou que a música na capoeira apresenta elementos do samba e do candomblé, ressaltando que se trata de uma expressão que vai muito além da dança. Ele mencionou que a capoeira valoriza a religião, sendo ela própria uma forma de religião e manifestação. General Piu, por sua vez, falou sobre o Congado. Seus saberes não são transmitidos por meio de escolas ou livros, mas vivenciados diariamente no cotidiano de suas casas. O mestre contou como é complicado conduzir um terno de congado, uma vez que exige muita responsabilidade e sabedoria, passada pelos mais velhos. Ele enfatizou que “a congada é um sistema que você tem que saber entrar e sair”, exatamente como testemunhamos ali, na casa de Mãe Bia.



Figura 2: Estudantes e docentes com os mestres, Casa de Candomblé Ááfin Osumare, setembro 2024
Fonte: Acervo pessoal de Branquinho, 2025

Podemos dizer que práticas pedagógicas como esses encontros, que ocorrem tanto no contexto acadêmico quanto nos espaços dos mestres culturais, são mais humanizadas, lúdicas e impregnadas de um frescor natural. Trata-se de um cenário relevante na formação de educadores. Nos últimos anos, o debate sobre as diferenças culturais nas práticas pedagógicas

tem ganhado cada vez mais destaque (Candau, 2011). Segundo a autora, a diversidade é intrínseca à escola e deve ser reconhecida como um elemento essencial para práticas pedagógicas mais significativas. Conseguimos afirmar que a formação permitiu que os participantes vivenciassem o conteúdo, trazendo novas referências para a prática pedagógica e um novo olhar sobre o papel da escola.



Figura 3: (a) Estudantes e docentes, Casa de cultura Penacho, outubro de 2024
Fonte: Acervo pessoal de Branquinho, 2025



Figura 4: Centro cultural Angola Tradição, docentes com os mestres Aranha e Ya Bia de Osumare, outubro de 2024
Fonte: Acervo pessoal de Branquinho, 2025.

O encontro com o mestre Cacique Japoteru, da etnia Pataxó, aconteceu no Centro Acadêmico da UFTM. Sua participação na disciplina veio após as falas dos professores Danilo Kato e Rosemberg Ferracini.

Durante a aula, foi exibido o filme “Floresta: um jardim que a gente cultiva”³. A interação inicial preparou o debate teórico-científico pautado na interculturalidade, seguido da análise do filme e da dinâmica conduzida por Japoteru.

³ Documentário brasileiro de 2023, dirigido por Mari Corrêa, que revela a profunda conexão entre os povos indígenas e a floresta, contrapondo saberes ancestrais à visão ocidental e mostrando que a chamada “Floresta virgem” é na verdade um ecossistema cuidadosamente cultivado por milênios. <https://institutocatitu.org.br/producao/floresta-um-jardim-que-a-gente-cultiva/>



**Figura 5: Cacique Japoteru apresentando textos autorais, Centro Educacional,
Fonte: Acervo pessoal de Branquinho, 2025**

Antes de iniciar sua apresentação, o cacique organizou uma exposição de seu trabalho artístico. Em sua fala, compartilhou sua história de vida e a história de seu povo. Por meio de sua arte, apresentou a cultura de sua etnia, suas tradições culinárias e musicais, além dos adornos e rituais festivos. Mestre Japoteru falou da importância de se reencontrar com os seus, que, apesar das diferentes origens os povos indígenas da região, têm os mesmos hábitos, a mesma cultura, com suas pequenas diferenças, como a relação com o sagrado. A natureza é o sagrado, a vida é o sagrado para os povos indígenas, a diferença está apenas na reverência, um movimento particular de cada povo, mas a essência é a mesma.

Durante a atividade, conduziu uma dinâmica baseada em textos autorais, abordando a relação do homem com a natureza, o meio ambiente, os povos originários e o capitalismo. De acordo com Sagica (2023), a memória dos povos indígenas tem sido apagada ao longo dos séculos pelo Estado e pela sociedade não indígena, afetando dimensões espirituais, educacionais, políticas, jurídicas e de saúde. Por isso, eles clamam por reparação. Segundo a autora, no campo educacional, esses povos seguem firmes na luta por uma educação contextualizada e respeitosa, buscando dominar tecnologias e ferramentas acadêmicas para garantir esse direito (Sagica, 2023).

Na mesma perspectiva, Fleuri (2023) aponta que, devido à hegemonia dos sistemas coloniais e neocoloniais no mundo ocidental, os povos originários têm enfrentado alienação, invisibilização, subjugação e até extermínio. No entanto, continuam resistindo e reafirmando sua existência diante dos processos genocidas de colonização. Há muito o que aprender com sua história, sua luta e sua sabedoria.

O estudo formal dos conhecimentos locais, tradicionais e indígenas sobre a natureza começou há cerca de meio século, sendo a primeira pesquisa exaustiva realizada na década de 1950 (Toledo; Barrera-Bassols, 2015). Segundo os autores, “[...] as sociedades tradicionais detêm um repertório de conhecimento ecológico que, em geral, é local, coletivo, diacrônico e holístico” (Toledo; Barrera-Bassols, 2015, p. 72).

Do mesmo modo, outros mestres de cultura também estiveram na universidade. Foram idas e vindas, dentro e fora da universidade e, ao final, encontros com os mestres individualizados, determinados pelo grupo por afinidade com a cultura apresentada para a construção da biona em conjunto com o mestre escolhido. Podemos afirmar que, apesar de trajetórias distintas, todos compartilham desafios semelhantes, levando em conta que suas origens foram, em diferentes graus, ocultadas, apagadas ou distorcidas.

Mergulhar em uma cultura desconhecida é um desafio genuíno. No contexto da cultura popular, suas tradições se revelam nas nuances de tudo e de todos que dela participam. Entender essa cultura exige vivenciá-la. E essa vivência, enquanto disciplina acadêmica, nos desafia constantemente. Precisamos estar atentos e ter humildade para aceitar o outro o que não é você, o que não é o seu mundo. Aceitar que o outro existe e que ele também existe em você, mesmo que você ainda não o reconheça.

4 A BIONARRATIVA NO CONTEXTO DISCIPLINA DE INTERCULTURALIDADE - “NAIÁ E O ESPELHO: UMA HISTÓRIA DE AUTOCONHECIMENTO”

Ao longo das atividades propostas na disciplina, os estudantes foram orientados a escolher um mestre que os guiasse na construção da bionarrativa, contribuindo com seus conhecimentos e perspectivas singulares. À vista disso, apresentaremos, neste tópico, o processo que levou ao resultado final, considerando que a noção de (re)construção permeia os princípios da interculturalidade (Fleuri, 2023).

No caso da biona em questão, o encontro teve início com as palavras “fluir”, “vida” e “sentir”, evocadas em uma dinâmica realizada em sala, fundamentada no princípio da circularidade (Brandão, 2017). Nesse contexto, os grupos foram formados a partir do fio condutor dessas palavras e de seus significados, pessoais e coletivos, construídos com base na experiência vivida até aquele momento da aula.

Posteriormente, os estudantes deveriam encontrar uma palavra que sintetizasse todas as palavras geradoras anteriores. Nosso grupo escolheu a palavra “confluência”. Em seguida, a proposta era unir-se a outros grupos cujas escolhas de palavras tivessem sentidos próximos. Nesse processo, nos identificamos com o grupo que havia selecionado a palavra “pertencimento”.

Realizada essa união, que levou a discussões profundas sobre cultura e identidade, chegou o momento de definir as divisões necessárias para a produção efetiva da biona, considerando que seu processo de construção vinha se desenvolvendo desde o primeiro dia de vivências na disciplina. Nessa perspectiva, encontramos na figura do mestre Cacique Japoteru Pataxó o sentido de pertencimento que buscávamos, ainda que inconscientemente.

A escolha do mestre que nos acompanharia nessa produção foi difícil, pois compreendemos que nosso ser no mundo está intrinsecamente relacionado à ancestralidade, presente em todos os mestres que conhecemos e em seus saberes. Contudo, diante da necessidade de escolher apenas um, nos unimos por meio da ancestralidade indígena, comum a ambas as pesquisadoras.

Iniciamos, assim, uma narrativa poética e ficcional intitulada “*Naiá e o espelho: uma história de autoconhecimento*”. Ela conta a história de Naiá, personagem que descobre as suas raízes afroameríndias pelo chamado da ancestralidade, que se manifesta por meio de sonhos, memórias e encontros simbólicos com mestres e mestras de diferentes tradições, como o Candomblé, a Capoeira Angola, o Congado e os saberes dos povos Pataxó.

A obra “*Naiá e o espelho: uma história de autoconhecimento*” se apoia em uma perspectiva decolonial e intercultural, colocando em diálogo saberes silenciados historicamente pelas estruturas coloniais com os espaços contemporâneos da educação e da universidade. A escolha por uma escrita que mistura prosa literária, oralidade, canções tradicionais e saberes populares reforça a estética e a ética da pedagogia das encruzilhadas (Rufino, 2018), que valoriza os cruzamentos e hibridismos entre territórios epistêmicos diversos.

A trajetória de Naiá explicita os efeitos do apagamento sistemático da história de povos indígenas e afrodescendentes, evidenciando como esses processos operam não apenas em grandes narrativas oficiais, mas também no cotidiano das famílias. É nesse contexto que a figura de Donária, avó de Naiá, ganha centralidade simbólica. Mulher de gestos firmes e silenciosos, ela representa a memória viva que resiste mesmo quando não é nomeada.

Seus saberes cotidianos, como o preparo do biju, o cuidado com os chás, o acolhimento no silêncio, se tornam pistas sensíveis para a reconstrução identitária de Naiá. Donária é corpo-memória, elo entre o que foi silenciado e o que insiste em permanecer, homenagem especial ao papel exercido pela bisavó de uma das discentes.

Assim, ao revisitar essas memórias afetivas, Naiá inicia um processo de escuta profunda, em que o reencontro com suas raízes se dá não apenas por informações explícitas, mas pela valorização do sensível, do simbólico e do espiritual. É através dessa escuta, da folha da Patioba ao reflexo no espelho, que ela compreende que sua identidade é tecido vivo entre tempos, vozes e mundos.

Inspirada por autores como Gloria Anzaldúa, por meio da leitura de “Borderlands”/“La Frontera” (via Santos, 2021), e Bhabha (1998), que discute a ideia de “terceiro espaço”, a narrativa cria zonas de fronteira em que novas subjetividades e identidades podem emergir. Essa travessia é sustentada também pelos aportes de Fleuri (2023), ao propor uma educação intercultural que aprende com os povos originários, e por Toledo e Barrera-Bassols (2015), ao ressaltar a noção de memória biocultural como chave para compreender os saberes tradicionais enquanto expressões ecológicas, espirituais e culturais.

O enredo de *Naiá* se estrutura como um processo de “ginga”, termo emprestado da Capoeira, que, em Santos e Kato (2023), representa o movimento de negociação constante entre saberes e territórios. Ao final, a personagem Naiá reconhece-se como Jokana Pataxó, o que configura não apenas uma autoafirmação identitária, mas também um compromisso ético com a coletividade e com a continuidade dos saberes ancestrais.

Esta construção só foi possível a partir de muitos diálogos tecidos em videochamadas, encontros atravessados por afetos e partilhas entre as discentes e, especialmente, com o Cacique Japoteru Pataxó. Seus conhecimentos, generosamente compartilhados, foram essenciais para a elaboração da trama e para a tessitura dos detalhes histórico-culturais que regem a narrativa.

Por esse motivo, dedicamos a parte que finaliza a biona a um diálogo estabelecido entre a protagonista e o cacique, construído no formato de perguntas e respostas inspirado na última chamada de vídeo realizada com o mestre, como pode ser observado no trecho a seguir:

As perguntas eram tantas, mas tinha uma que não parava de ressoar: “Quem sou eu?”. Para responder a essa pergunta, o mestre resolveu lhe contar sobre a origem do povo Pataxó: “Quando Niamissũ cria todas as coisas, ele manda uma forte chuva. A última gota a cair se transforma em Txopay, um Encantado ligado à gênese do povo Pataxó. Txopay vai então, conhecer a natureza e a língua, aprendendo a fazer uma leitura do mundo. Após um certo período, outra chuva cai e cada gota de água dá origem a um Txihi (indígena), formando assim, uma nova nação. Txopay transmite ao seu povo tudo o que aprendeu ao longo dos anos, compartilhando o conhecimento sobre as ervas e seus poderes curativos, os segredos da caça e da pesca, e os hábitos alimentares que garantem sustento e equilíbrio com a natureza. Em um determinado momento, aquele povo começa a questionar: ‘Quem nós somos?’. É então que Txopay vai para a beira do mar, pedindo para que Niamissũ lhe enviasse uma resposta. Nisso, ele percebeu o movimento natural das ondas, que iam e voltavam, gerando um som muito característico. O som era ‘Pataxó’, nome revelado por Niamissũ. Dessa forma, ele volta para a comunidade e proclama que aquele povo são os Pataxó.” [...] (Petri; Pataxó; Branquinho, 2024).

Esse momento, marcado pela troca direta com Japoteru Pataxó, permitiu que a voz do cacique atravessasse a ficção, conferindo ainda mais força, verdade e ancestralidade às palavras que marcam não o fim, mas o início de uma nova jornada para Naiá, e também para nós, discentes e pesquisadoras, que seguimos em busca de caminhos em que seja possível habitar o conhecimento gingando, com o corpo inteiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nomeamos este último tópico como “Considerações Finais” porque o termo “conclusão” sugeriria a ideia de encerramento, e não é disso que se trata. À luz dos princípios que nortearam a disciplina *Interculturalidade e Educação Popular: Saberes Afroameríndios Decoloniais*, compreendemos que o conhecimento não é cartesiano, tampouco linear. Por isso, esperamos que este trabalho possa contribuir com práticas formativas em interculturalidade, incentivando outros(as) pesquisadores(as) a buscarem pela memória biocultural, estreitando os laços entre as cosmovisões ancestrais e o espaço acadêmico.

As vivências propiciadas até aqui não se limitaram à produção de uma narrativa ou ao cumprimento de uma proposta pedagógica. Trata-se, sobretudo, de ter vivenciado um processo de escuta, de afetação e de encontro com saberes que, muitas vezes, foram negados em nossas trajetórias. Ao longo dessa caminhada, compreendemos que aprender com os mestres é também aprender a decolonizar nossos próprios olhares e permitir que a palavra do outro reverbere dentro de nós.

Por fim, percebemos que narrar a si mesma com o outro não é apenas um ato de resistência, mas também de existência. A biona nos permitiu acessar outras formas de saber e nos reconectar com aquilo que a lógica colonial tentou apagar: a força de nossas raízes. Se, ao início da disciplina, buscávamos respostas, agora seguimos com outras perguntas, conscientes de que o conhecimento também pode nascer da dúvida, da troca e da caminhada compartilhada. Que essa jornada continue além das páginas, habitando nossos corpos, nossas práticas e nossos futuros.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. *In: O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliane Livia Reis, Glauce Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p. 105-128.

BRANDÃO C. R. A educação como cultura. memórias dos anos sessenta. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 23, n. 49, p. 377-407, set./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v23n49/0104-7183-ha-23-49-00377.pdf>.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.2, p.240-255, jul./dez., 2011. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org. Acesso em: 15 de maio de 2025.

FLEURI, Reinaldo Matias. Educação intercultural: aprender com os povos originários do Sul a decolonizar a educação. *In: FLEURI, M. F.; OKAWATI, J. A. A. (org.). Decolonizar a educação: entretecer caminhos do bem viver*. São Carlos: Pedro & João, 2023. p. 33-52.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

KATO, Danilo Seithi (org.). **Bionas para a formação de professores de Biologia**: experiências no observatório da educação para biodiversidade. São Paulo: Livraria da Física, 2020. 211 p.

PETRI, Aline; PATAXÓ, Japoteru; BRANQUINHO, Patrícia. **Naiá e o espelho**: uma história de autoconhecimento. Uberaba: Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 2025. Trabalho produzido na disciplina *Interculturalidade e Educação Popular: Saberes Afroameríndios Decoloniais*, do Programa de Pós-Graduação em Educação.

RUFINO, L. Pedagogia das encruzilhadas. **Revista Periferia**, v. 10, n. 1, p. 71-88, jan./jun. 2018.

SAGICA, Vanessa Silva. Prefácio. *In*: FLEURI, M. F; OKAWATI J. A. A. (org.). **Decolonizar a Educação**: Entretecer caminhos do bem viver. São Carlos: Pedro e João (Ed), 2023, 29p.

SANTOS, Ana Carolina Martins dos. Resenha: ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: La nueva mestiza*. Trad. de Carmen Valle Simón. Madrid: Capitán Swing, 2016. **Frontería**, Foz do Iguaçu, v. 2, n. 1, p. 34-43, jan./jul. 2021.

SANTOS, T. S. A. dos; KATO, D. S. The body as a discursive interface between capoeira and science education: possible intercultural gingas. **SciELO Preprints**, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5699>. Acesso em: 5 dez. 2024.

SILVA, Michael. **A “experiência de si” em bionarrativas sociais (bionas) na formação de professores de ciências e biologia**. 119 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, 2021.

SOUZA, Vanessa Rocha. **Mestres da cultura popular**: ancestralidade, oralidade e resistência. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídia, Informação e Cultura) – Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural**: a importância ecológica dos saberes tradicionais. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; Woodward, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.